

OS RUMOS DA HISTÓRIA

Entrevista com o historiador José Jobson de Andrade Arruda

Rodrigo Fontanari¹

O historiador José Jobson figura como um dos ícones mais importantes do mundo acadêmico na atualidade. Sua trajetória como professor - com passagens pelo Departamento de História da USP e pelo Instituto de Economia da UNICAMP - foi sempre pautada pela busca incansável em aliar a prática da docência e da pesquisa, debruçando-se sobre uma plêiade de assuntos que tangenciam os mais variados campos da História, evidenciando uma erudição incontestável.

Suas investigações resultaram em contribuições fundamentais para o entendimento das dimensões do Império Português e das estruturas e dinâmicas do Antigo Sistema Colonial, bem como são emblemáticas para o entendimento da inserção do Brasil no comércio colonial e à época da Revolução Industrial. Atualmente, como professor do Programa de Pós-Graduação em História Econômica da USP, prima por uma nova síntese histórica capaz de promover o entrelaçamento dos elementos constitutivos de dois territórios historiográficos distintos, surgidos ao longo do século XX, conhecidos como “velha” e “nova” história que, aos olhos da maioria, aparecem como antagônicos. O leitor poderá, nessa entrevista, apreciar as linhas de forças presentes nesse debate e as propostas apresentadas pelo Prof. Dr. José Jobson de Andrade Arruda.

O pensamento desse arguto historiador nos conduz, ainda, a outras veredas na tentativa de se buscar a compreensão do fugidio conceito de *historiografia*: trata-se de história pensada? História escrita? Ou história da história? Seria uma sucessão “contrastante de escolas historiográficas”? Ou, ainda, os súditos de Clio empenham-se por forjar um novo conceito, mais abrangente e apto para abarcar a reflexão historiográfica realizada através de complexificação temporal, envolvendo a dialógica passado, presente e futuro?

Enfim, é a discussão desses e de outros assuntos, que a *Revista Heera* nos brinda com essa entrevista, reverberando-se como um veículo de informação democrático e

¹ Doutorando em História Econômica pela FFLCH-USP.

multidisciplinar, constituindo-se como espaço privilegiado para a reflexão acerca das novas tendências históricas na contemporaneidade.

Na contramão dos propagadores do “fim da História” pensamos que um caminho possível a ser trilhado, para tonificar a disciplina-histórica, seria seguir os atuais conselhos de Henri Berr, na tentativa de se extirpar um mal comum que há muito aflige o ofício do historiador: a negligência de reflexão sobre a própria natureza de sua ciência. Só com um profícuo diálogo entre todos os campos do conhecimento, além de uma apurada reflexão sobre a *História*, é que a manteremos em contínua marcha. Mas, se poderá indagar ainda, por onde seguir? Recorrer à ciência ou arte? Detenhamo-nos no sentido das palavras do Professor Jobson sobre os rumos da História...

Heera: Sabemos que os termos *História* e *Historiografia* comportam largo espectro de significados, sendo muitos deles projetados pelo *senso-comum*. Do seu ponto de vista, como podemos defini-los?

Jobson: Em seu senso mais imediato, indiscutível, o termo História remete ao acontecido, ao havido. Inelutavelmente, portanto, à corrente sequencial de eventos ocorridos na escala do tempo. É a história que rola obedecendo ao fluxo natural do tempo físico-matemático, natural, astronômico. Em segunda instância, História remete a um corpo científico, dotado de instrumental que busca recuperar e entender o significado dos eventos registrados pelo movimento das sociedades no tempo. O termo historiografia, por sua vez, é recoberto por muitos significados. Já foi identificado à História pensada em sua segunda instância, isto é, historiografia seria a forma pela qual a história foi escrita, sendo dotada, portanto, de um arsenal sistematizado de técnicas e procedimentos metodológicos. De forma mais sofisticada e mais corretamente, a historiografia foi identificada à história produzida pelos historiadores, sendo, nestes termos, a história da história. Daí, um passo adiante, foi pensar a historiografia como a "sucessão contrastante das escolas" historiográficas, como surge no recentemente lançado texto de Fernando Novais e Rogério Forastieri, sobre a nova história. Pensamos, contudo, que há uma terceira possibilidade, que é a de pensar a historiografia como consciência crítica da história. Ou seja, pensar as obras, os autores e o meio em que

as obras foram produzidas, numa imersão histórico-cultural. Nesta escala, pressupõe-se que a reflexão historiográfica seja feita numa complexificação temporal que envolva a dialógica passado, presente e futuro, na suposição de que o autor que concebe a obra se posiciona no vértice de uma tríplice temporalidade, da qual não pode escapar, pois sua mente viaja do passado que busca reconstruir, vivenciado sua própria temporalidade presente, mas tendo um horizonte de expectativa sobre o futuro. Talvez, para esta última acepção, o termo mais adequado fosse *historiologia*, descartando-se desta expressão toda carga semântica que já se lhe outorgou.

Heera: Se for factível destacarmos dois *territórios historiográficos* mais influentes no século XX, a caracterização desses dois conjuntos arquitetônicos singulares no campo historiográfico pode ser feita por meio do agrupamento de autores e obras singulares que cristalizam essas perspectivas? Como o senhor assimila essa *divisão*?

Jobson: Até os anos 70 do século XX prevaleceu uma perspectiva da história, entendida como processo interpretativo, que priorizava as macro-interpretações, os grandes objetos, sobre os quais se operava criticamente analisando, conceitualizando, teorizando, arquétipo interpretativo consubstanciado na proposta *Annales*, amplamente lastreada na corrente marxista. Esta é a "escola" dos *Annales*, que incluía uma continuidade entre a primeira geração, de Bloch e Febvre, e a segunda, de Braudel, Labrousse e Vilar. Nos anos 70 houve uma ruptura, uma cesura epistemológica, com o surgimento da dita nova história, que se propunha ser uma continuidade, mas que de fato inaugurava um novo procedimento que recusava pressupostos fundamentais da "velha história" dos *Annales*. O privilegiamento do micro, do pontual, da narrativa, da recusa à teoria, da ênfase da dimensão empírica representada pela colagem na documentação, expressava, no fundo, a própria implosão da história com o colapso das grandes referências, do bloco socialista, a colonização e a emergência de novos sujeitos reivindicando direito à sua própria história, a exemplo das novas nações resultantes da descolonização, das etnias, das religiões, do gênero.

Heera: Existe a possibilidade de uma nova síntese, ou mesmo de uma mutação capaz de reunir, articular ou integrar esses *territórios historiográficos* visto que muitos historiadores apostam na sua disjunção?

Jobson: As correntes interpretativas se definem por oposição, buscam sua identidade na diferença que guardam em relação aos paradigmas dominantes no período anterior. Nestes termos, pensar que os historiadores encastelados numa ou noutra destas vertentes pudessem, espontaneamente, buscar um diálogo e, a partir daí a construção de um novo cânon interpretativo, é pouco provável. Contudo, penso que há verdade nos dois arquétipos interpretativos, a velha e a nova história, que podem ser conjugados para a busca de compreensão mais aprofundada da história. Não se pode negligenciar a importância das reflexões mais generalizantes, nem a relação entre elas e os micros objetos. O desejável é uma viagem permanente entre singular e plural, entre descrição e análise, entre razão e imaginação.

Heera: O encontro entre história e antropologia originou a *antropologia histórica* e o conseqüente abandono do diálogo com outros modelos explicativos, principalmente, os econômicos. Essa *nova tendência histórica* ressalta os enfoques voltados para o cotidiano, para o individual, para as representações e para o emprego do termo *cultura* em um sentido *lato*, como que impondo aos historiadores abordagens privilegiadas aos *microrrecortes*. Como o senhor analisa esse impacto no seio da História Econômica?

Jobson: A força da velha história ancorava-se, sem dúvida, na correlação que estabelecia com a economia e a sociologia, das quais herdou a propensão à análise e a conceituação. Já a nova história aproximou-se da antropologia, da literatura e da psicologia, ciências humanas mais próximas dos novos temas e abordagens que buscava privilegiar. Assim como houve excessos nos *economicismos* do discurso histórico, na fase da velha história, houve também exageros na adesão aos procedimentos antropológicos na nova história, a tal ponto de muitos historiadores entenderem a história como procedimento etnográfico. Tirando os excessos, penso que se pode fazer uma excelente história

econômica mobilizando os conhecimentos hauridos na antropologia. O que não pode é subsumir-se a ela, perdendo sua própria identidade como ciências humanas que é.

Heera: No final da década de 1990, algumas vozes propagaram a derrocada da História Econômica, tratando-a como um *ser agonizante*. Uma década depois de tais afirmações, o senhor considera que esse *campo da história* esteja em declínio?

Jobson: De fato, a década final do século XX, foi um período negro para a história econômica. Exatamente porque foi neste período que consolidou entre nós a história cultural e, como já disse, uma forma de afirmar o valor da nova modalidade de história era alvejar os pressupostos e procedimentos do arquétipo até então hegemônico. Ainda mais que, num reducionismo absurdo, os cultores da história econômica transformaram a história cultural em uma história de segunda linhagem, além de considerá-la uma determinação da base material da sociedade, identificada, obviamente, com a economia e, por desdobramento, com a história econômica. Mas a história econômica não morreu. Resiste em programas de Pós-Graduação que preservaram, e até viram aumentar, o número de seus alunos. Mais do que isto, muitos historiadores que fazem história cultural reconhecem que não podem deixar de lado, como se não existisse, o campo da história econômica. Reciprocamente, historiadores de história econômica passaram a mobilizar a dimensão cultural da história em suas explicações.

Heera: O historiador estuda os fenômenos sociais sempre em relação ao comportamento *temporal*. Certa vez o senhor afirmou que ‘pensar historicamente é pensar as temporalidades’. Como o senhor qualifica a relação *presente-passado* levando em conta o significado das noções de *História e Historiografia* que o senhor articula? Mais ainda, seria possível uma história geral da historiografia que pudesse dar conta dos problemas teórico-metodológicos que essas dualidades impõem?

Jobson: O historiador tem que pensar o passado, pois o passado é seu objeto primordial. Mas a idéia de que a história é simplesmente a recuperação possível do passado é equivocada. Isto porque, quem reconstrói a história é o historiador que, como já dissemos

no início, tem em sua mente necessariamente três temporalidades, o passado que estuda e arrasta para o presente, o presente que vivencia e cujos problemas remete ao passado e o futuro, cujas expectativas entranham o presente e, por desdobramento, afetam sua interpretação do passado. Como já se disse, o homem é o único animal que sabe de sua morte, portanto, a temporalidade se estabelece em sua cabeça quando começa a pensar sua finitude, em direção ao futuro. Nestes termos, não há reflexão historiográfica sem esta complexificação temporal, sem a dialógica das temporalidades.

Heera: Na sua visão, é importante para o *ofício do historiador* pensar e refletir sobre os *conceitos* produzidos por outros campos do conhecimento, como, por exemplo, os das ciências humanas e sociais?

Jobson: A história é uma ciência humana. Jamais poderia reivindicar a condição de ciência da humanidade, não fora pela adoção conceitual de conceitos próprios ao território. Portanto, jamais poderia, conseguiria, manter-se blindada contra a interpenetração dos campos de conhecimento vizinhos. Pelo contrário, esta é sua riqueza, sua capacidade de incorporar o conhecimento produzido nos campos afins, o que torna muito difícil a preservação de sua identidade.

Heera: Para finalizar, uma breve questão. *História*: ciência ou arte?

Jobson: A boa história é um fio de navalha. Manter-se no cume do fio, entre a ciência e a arte, é o supra-sumo, o ideal, difícil de ser colimado, pois a dosagem de uma e de outra é alquimia rara. A dimensão ciência da história é mais fácil de ser atingida. Basta ser profundo na pesquisa, precioso na elaboração dos dados. A arte depende de uma condição inata, difícil de ser adquirida, a capacidade de escrever bem, ter estilo, erudição. Por esta razão, poucos atingiram este ponto de equilíbrio. Sérgio Buarque talvez seja a grande exceção.